

## CARTAS DO PASSADO, TECNOLOGIAS DO PRESENTE: INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E ESCRITA HISTÓRICA NA EDUCAÇÃO DIGITAL

João Vitor Dias Souza<sup>1</sup>; Manuela Dainesi Favero<sup>2</sup>; Flávia Cristina Bandeca Biazetto<sup>3</sup>; Roger Marcelo Martins Gomes<sup>3</sup>

<sup>1,2</sup> Graduando em História pelo Centro Universitário Sagrado Coração – UNISAGRADO

<sup>3</sup> Professores Coordenadores de área do PIBID do Centro Universitário Sagrado Coração – UNISAGRADO

### RESUMO

Este trabalho apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida com estudantes do nono ano, cuja finalidade foi integrar recursos de Inteligência Artificial (IA) às práticas de leitura, escrita e interpretação histórica. A justificativa baseia-se no potencial da IA para ampliar a compreensão e tornar o conteúdo mais acessível e envolvente, sem substituir o raciocínio humano, mas aprimorando as capacidades de imaginação e análise, como aponta Lévy (1999). O objetivo central foi promover uma aprendizagem significativa por meio da leitura e análise de uma carta de um soldado britânico da Primeira Guerra Mundial, selecionada no acervo digital do Arquivo Nacional Britânico. Como métodos, utilizou-se o DeepL para traduzir o documento ao português, garantindo sua compreensão, e o ElevenLabs para produzir uma narração dramatizada, permitindo aos estudantes perceberem a carga emocional e os elementos estruturais do gênero epistolar. A IA atuou como mediadora na construção do conhecimento, favorecendo a interdisciplinaridade entre História e Letras. Os resultados indicaram aumento do engajamento discente, maior interesse pelo conteúdo histórico e melhor entendimento das dimensões humanas e linguísticas do texto. Os estudantes demonstraram maior autonomia interpretativa, alinhando-se ao que defendem Kenski (2012) e Freire (1996) sobre o papel das tecnologias como mediadoras do pensamento crítico e do diálogo. Conclui-se que o uso orientado da IA contribui para uma educação mais interativa e humanizada, fortalecendo a análise histórica e ampliando as possibilidades de leitura e produção textual.

**Palavras-chave:** Inteligência Artificial; Ensino de História; Educação Digital; Escrita; Análise Documental.

### INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Graduando em História pelo Centro Universitário Sagrado Coração – UNISAGRADO

<sup>2</sup> Graduando em História pelo Centro Universitário Sagrado Coração – UNISAGRADO

O avanço das tecnologias digitais tem reconfigurado profundamente as formas de produzir conhecimento, acessar informações e interagir com diferentes linguagens, especialmente entre crianças e adolescentes que crescem imersos em uma cultura marcada pela velocidade, pela multidisciplinaridade pela presença constante de dispositivos conectados. No contexto escolar, esse cenário implica tanto desafios quanto oportunidades, uma vez que a educação básica precisa dialogar com novas práticas culturais sem abrir mão do pensamento crítico, da autonomia intelectual e da construção ativa do conhecimento. Nesse panorama, a discussão sobre o uso pedagógico da Inteligência Artificial (IA) ganha centralidade, sobretudo no ensino de Ciências Humanas, onde a interpretação de textos, a leitura de fontes e a sensibilidade histórica compõem atividades essenciais.

No ensino de História, uma das dificuldades mais recorrentes diz respeito à leitura de documentos produzidos em contextos socioculturais distantes da realidade dos alunos ou escritos em idiomas estrangeiros, o que muitas vezes gera frustração ou impede que os estudantes percebam a dimensão humana e complexa desses materiais. A distância temporal, linguística e emocional entre o estudante e a fonte histórica tende a dificultar o processo de interpretação, especialmente quando se trata de narrativas de guerra, documentos burocráticos ou textos marcados por estilos linguísticos pouco familiares ao leitor contemporâneo. Assim, a mediação docente torna-se fundamental não apenas para garantir o acesso ao documento, mas para permitir que o estudante compreenda, analise e reflita sobre os sentidos atribuídos ao passado.

A literatura sobre tecnologia e educação contribui para esse debate ao destacar que os recursos digitais não substituem o raciocínio humano, mas o ampliam. Lévy (1999) argumenta que as tecnologias da informação expandem as capacidades de imaginação, criação e análise, modificando a maneira como nos relacionamos com o conhecimento. Kenski (2012) reforça que, quando integradas intencionalmente ao processo educativo, as tecnologias favorecem outras formas de aprender, estimulando linguagens diversas e enriquecendo a experiência escolar. Em perspectiva complementar, Freire (1996) lembra que ensinar é um ato dialógico que requer abertura ao novo, postura crítica e acolhimento dos saberes dos alunos — princípios coerentes com o uso da IA como ferramenta de mediação e não como substituta da experiência educativa.

Dentro desse debate, emerge uma questão central: como aproximar estudantes do Ensino Fundamental II de fontes históricas complexas sem diluir seu caráter documental e sem recorrer a estratégias que fragilizem o rigor da análise? A IA, quando utilizada de forma crítica, pode atuar justamente como ponte entre o estudante e o documento, tornando a língua mais acessível, destacando aspectos formais e ampliando a dimensão sensível do texto, sem comprometer a necessidade de interpretação e problematização histórica. Ao traduzir, sonorizar ou contextualizar documentos, a IA não resolve a análise; ela apenas abre a porta para que os estudantes possam, a partir daí, mobilizar habilidades de leitura, escrita e argumentação.

Foi a partir dessas reflexões que se estruturou a experiência pedagógica relatada neste trabalho, desenvolvida no âmbito do PIBID com uma turma de 9º ano. O ponto de partida foi a leitura de uma carta escrita por um soldado britânico durante a Primeira Guerra Mundial, localizada no acervo digital do Arquivo Nacional Britânico. Por ser um documento em inglês e carregado de elementos emocionais, linguísticos e históricos, sua compreensão inicial representaria um obstáculo caso fosse apresentado sem apoio mediador. Desse modo, recorrer ao tradutor DeepL e à ferramenta ElevenLabs não teve como finalidade facilitar demais a atividade, mas torná-la acessível, sensibilizando os estudantes para a dimensão humana da guerra e, ao mesmo tempo, preservando o rigor da análise histórica. A tradução garantiu a compreensão literal, enquanto a narração dramatizada aproximou os alunos do estado emocional presente no texto, permitindo discutir tanto o gênero epistolar quanto os impactos subjetivos do conflito.

Tais escolhas metodológicas apoiam-se no entendimento de que a aprendizagem histórica depende da capacidade de interpretar não apenas fatos, mas experiências humanas, discursos, intencionalidades e silenciamentos. Ao integrar IA à atividade, a proposta buscou dialogar com a cultura digital dos estudantes sem transformar a experiência em consumo passivo, mas estimulando autonomia, leitura crítica e participação ativa. Assim, a atividade não apenas ampliou a acessibilidade linguística do documento, mas também favoreceu a interdisciplinaridade entre História e Língua Portuguesa, ao explorar forma, conteúdo e expressividade do texto.

Diante dessas questões, a presente pesquisa tem como objetivo geral relatar e analisar uma experiência pedagógica que integrou recursos de Inteligência Artificial à leitura, escrita e

interpretação histórica de uma carta da Primeira Guerra Mundial, desenvolvida com alunos do nono ano no âmbito do PIBID. Com os objetivos de facilitar a compreensão linguística e emocional de uma fonte histórica estrangeira; promover práticas de leitura crítica e interdisciplinar entre História e Língua Portuguesa; estimular o engajamento e a participação discente por meio de recursos multimodais; e refletir sobre o papel da IA como mediadora, e não substituta, da construção do raciocínio histórico.

## METODOLOGIA

A experiência pedagógica desenvolvida no âmbito do PIBID foi organizada a partir de uma sequência de procedimentos planejados para integrar ferramentas de Inteligência Artificial às práticas de leitura e interpretação histórica com estudantes do nono ano. O processo teve início com a seleção de uma fonte primária adequada aos objetivos formativos da turma: uma carta escrita por um soldado britânico durante a Primeira Guerra Mundial, disponível no acervo digital do The National Archives. A escolha desse documento levou em consideração sua relevância histórica, a possibilidade de explorar dimensões emocionais e narrativas do conflito e o potencial para estabelecer uma relação interdisciplinar entre História e Língua Portuguesa. Após a seleção, a carta foi analisada previamente pelos bolsistas com o intuito de identificar sua estrutura e os elementos capazes de favorecer o desenvolvimento da escuta crítica.

Como o documento estava originalmente em inglês, a etapa seguinte consistiu na adaptação da fonte para torná-la acessível aos estudantes. Utilizou-se o tradutor DeepL para realizar a tradução, garantindo precisão semântica e preservação do sentido original. A versão traduzida foi revisada manualmente pelos bolsistas, assegurando que não houvesse rupturas na coerência histórica do conteúdo. Em complementação, a plataforma ElevenLabs foi empregada para produzir uma narração dramatizada da carta traduzida, recurso que teve como objetivo evidenciar a carga emocional presente no texto e favorecer a imersão dos estudantes na experiência vivida pelo soldado. O uso da IA, assim, não teve caráter substitutivo, mas mediador, funcionando como apoio à acessibilidade linguística e emocional.

A aplicação da sequência didática foi planejada em conjunto com a professora regente, permitindo integrar a atividade ao currículo da turma. A aula foi estruturada em três momentos principais. O primeiro consistiu na contextualização histórica, em que os estudantes retomaram conteúdos sobre a Primeira Guerra Mundial, especialmente aspectos relacionados às trincheiras, às condições de vida dos combatentes e ao papel das cartas como forma de comunicação e registro histórico. Esse momento teve como objetivo situar o documento no contexto das práticas sociais e militares do período, facilitando a compreensão da fonte.

O segundo momento foi dedicado ao contato direto com a carta. Os estudantes ouviram a narração dramatizada, permitindo que observassem a organização do gênero epistolar, identificando elementos como saudação, descrição dos acontecimentos, expressões de sentimentos e despedida. Durante essa etapa, os alunos, levantaram dúvidas e destacaram trechos que chamaram sua atenção, tanto pela carga emocional quanto pelas informações históricas contidas.

No terceiro momento, realizou-se uma análise coletiva da carta, articulando aspectos históricos e linguísticos. Foram discutidos o ponto de vista do autor, as condições relatadas, as marcas de subjetividade, a relação entre experiência pessoal e conflito mundial e as características próprias da escrita epistolar. A discussão foi conduzida em forma de diálogo, estimulando que os estudantes construíssem interpretações próprias com base na fonte.

Após essa etapa de análise, realizou-se o último momento da sequência didática, voltado à produção textual. De forma individual, cada aluno escolheu uma personagem relacionada ao contexto da guerra e escreveu uma carta em primeira pessoa, assumindo o ponto de vista desse personagem. O objetivo era que os estudantes aplicassem os elementos do gênero textual compreendidos na atividade, articulando-os com os conteúdos históricos estudados. As cartas produzidas foram revisadas com o apoio dos bolsistas e da professora regente, que orientaram ajustes relacionados à estrutura, coerência histórica, clareza textual e adequação à perspectiva escolhida. Esse momento final possibilitou que os estudantes transformassem a compreensão da fonte em prática de escrita criativa e crítica, exercitando tanto habilidades textuais quanto o conhecimento histórico.

Durante toda a atividade, foram realizados registros das observações dos bolsistas, envolvendo o engajamento dos alunos, as dificuldades encontradas, a interação com os



recursos tecnológicos e a qualidade das produções textuais. Esses registros serviram de base para a análise posterior dos resultados, permitindo avaliar a efetividade da metodologia no desenvolvimento da leitura crítica e da escrita histórica. Todas as etapas foram conduzidas com acompanhamento da professora regente, seguindo os princípios pedagógicos da escola e garantindo o uso responsável da Inteligência Artificial como ferramenta mediadora da aprendizagem.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados obtidos ao longo da experiência pedagógica evidenciaram avanços significativos tanto na interpretação histórica quanto na produção escrita dos estudantes. Logo após o uso dos recursos de Inteligência Artificial, a tradução automática da carta original e a narração dramatizada, observou-se maior envolvimento emocional e cognitivo com o conteúdo. Os alunos demonstraram compreensão mais profunda das condições vividas pelos soldados na Primeira Guerra Mundial, especialmente no que diz respeito ao cotidiano das trincheiras, ao isolamento, ao medo constante e ao impacto psicológico do conflito. Esse ganho interpretativo confirma a perspectiva de Lévy (1999), que afirma que “as novas mídias transformam profundamente o modo como os indivíduos imaginam, percebem, sentem e constroem sentido” (LÉVY, 1999, p. 158). Assim, o uso pedagógico da IA contribuiu para ampliar a sensibilidade histórica e possibilitar novas formas de interpretação.

No momento dedicado à produção das cartas autorais, os estudantes apresentaram evolução expressiva na escrita. Comparando as primeiras anotações e rascunhos com as versões finais revisadas, é possível notar maior domínio da estrutura epistolar, ampliação do vocabulário, melhor organização das ideias e aprofundamento na dimensão humana da guerra. O processo atendeu ao princípio de Kenski (2012), que compreende as tecnologias como mediadoras capazes de transformar a relação dos sujeitos com o saber; como afirma a autora, “a presença de uma determinada tecnologia pode induzir profundas mudanças na maneira de organizar o ensino” (KENSKI, 2012, p. 44). Assim, com o apoio da IA como recurso facilitador, e não como substituta do pensamento criativo, os estudantes desenvolveram textos mais coesos e sensíveis, revelando imaginários informados por evidências históricas.

A etapa final, em que cada estudante escolheu uma figura histórica popular e escreveu uma carta do ponto de vista dessa figura, permitiu observar a consolidação da aprendizagem histórica. As narrativas produzidas mostraram maior precisão quanto às experiências da guerra, com referências à rotina nos campos de batalha, às relações entre combatentes e à precariedade dos cuidados médicos, fruto da apropriação crítica do documento utilizado como base. Tal resultado está alinhado ao que defende Freire (1996), ao afirmar que: “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando.” (FREIRE, 1996, p. 29). Dessa forma, a mediação adequada, neste caso, a IA ampliou a capacidade de leitura crítica da realidade.

Outro ponto relevante foi a ampliação do engajamento e da motivação. Muitos estudantes, inicialmente pouco interessados no tema, passaram a se envolver mais ativamente nas discussões, levantando hipóteses, fazendo perguntas e relacionando os conteúdos ao contexto atual. Essa postura ativa reforça a noção de aprendizagem significativa, pois indica que o uso da IA não apenas tornou o material mais acessível, mas também mais instigante e emocionalmente mobilizador. Como afirma Freire (1996), “sou tão melhor professor, então, quanto mais eficazmente consiga provocar o educando no sentido de que prepare ou refine sua curiosidade” (FREIRE, 1996, p. 45).

A culminância da experiência foi a organização das cartas em um livro coletivo, posteriormente exposto na feira de trabalhos escolares da EMEF Nacilda de Campos. A materialização do projeto em um produto final concreto contribuiu para a valorização do protagonismo discente, fortalecendo o sentimento de autoria e pertencimento. A exposição também funcionou como espaço de socialização e diálogo com a comunidade escolar, potencializando a função formadora da prática e demonstrando que a integração entre tecnologia e ensino de História pode resultar em experiências mais interativas, humanizadas e criativas.

De modo geral, os dados obtidos apontam que a utilização orientada da IA ampliou as possibilidades de leitura, interpretação e produção escrita, ao mesmo tempo em que favoreceu o pensamento crítico e a compreensão das dimensões humanas da Primeira Guerra Mundial. A experiência confirma, portanto, o que sustentam Lévy (1999), Kenski (2012) e Freire

(1996): quando inseridas com intencionalidade pedagógica, as tecnologias digitais podem mediar processos formativos mais significativos, dialéticos e transformadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência pedagógica desenvolvida com os estudantes do nono ano demonstrou que a integração intencional de ferramentas de Inteligência Artificial pode enriquecer de forma significativa o ensino de História, especialmente em atividades de leitura e interpretação de fontes. O uso da tradução automática e da narração dramatizada favoreceu o acesso ao documento original e ampliou o engajamento dos alunos, contribuindo para a compreensão das dimensões humanas e históricas da Primeira Guerra Mundial.

Os resultados mostraram avanços consistentes na produção escrita, na autonomia interpretativa e na capacidade dos estudantes de relacionar emoções, contexto histórico e estrutura textual. Ao escreverem cartas assumindo diferentes personagens do conflito, os discentes consolidaram a aprendizagem e demonstraram domínio crescente do gênero epistolar e do conteúdo histórico trabalhado. A elaboração do livro coletivo e sua exposição na feira escolar reforçaram o protagonismo estudantil e a função social da atividade.

Conclui-se que o uso orientado da IA, alinhado às perspectivas de Lévy, Kenski e Freire, contribuiu para um processo educativo mais dialógico, acessível e significativo. A experiência evidencia que as tecnologias, quando mediadas pelo professor, potencializam a aprendizagem sem substituir o pensamento crítico, fortalecendo a formação histórica dos estudantes.

## REFERÊNCIAS

DEEPL. **Tradução do inglês para português** Deepl versão 2025. Inteligência artificial. Disponível em: <https://www.deepl.com/pt-BR/translator/files>. Acesso em: 11 out. 2025.

ELEVENLABS. **Transcrição de texto em áudio**. Eleven v3 (alpha) versão de 2025.

Inteligência artificial. Disponível em: <https://elevenlabs.io/pt>. Acesso em: 11 out. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



JAMES, R. **Destinatário:** Burgie, Local: França, 10 ago. 1915, tipo de documento: 1 carta. Disponível em: <https://www.nationalarchives.gov.uk/education/resources/letters-first-world-war-1915/trenches-being-under-fire> . Acesso em: 13 out. 2025.

KENSKI, V. M. **Tecnologias e ensino presencial e a distância.** 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

LÉVY, P. **Cibercultura.** São Paulo, SP. 1999.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à CAPES pela concessão da bolsa, à UNISAGRADO e à escola participante pelo apoio institucional, e a todos os professores, alunos e colaboradores que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste projeto, tornando possível o desenvolvimento desta experiência pedagógica inovadora e interdisciplinar.